

A escola sem ilusões

O TURNO único na escola pública é meta da qual nenhum especialista em educação discordará: não se comprehende que a jornada do estudante seja inferior à jornada padrão do trabalhador, salvo onde não se percebeu ainda o nexo vital entre as duas atividades e onde a educação formal não foi concebida ainda como algo que é também investimento.

SE há uma agência de educação formal que deva antecipar-se na instituição do turno único, esta deve ser, sem dúvida, a escola pública, que dá a tônica da educação nacional.

TRATA-SE, porém, de uma meta, de um objetivo a perseguir com denodada dependência, portanto, de condições objetivas para alcançá-lo. Do contrário, a meta se desfará em ilusão, doença de que se deve distanciar a política.

ÉS o risco que corre a bancada do PDT na Constituinte do Estado, ao propor a obrigatoriedade do turno único, sem explicitar os mecanismos que possibilitariam sua adoção. Considerando-se que não há sequer condições para dar, como manda a Carta federal, escola gratuita para to-

dos, como impor o turno único sem confundir o desejável com o possível?

MAS equívoco maior cometido se associarem o turno único aos Cieps, tentando ressuscitar a malograda experiência do Governo Brizola. Não há vínculo algum lógico entre uma filosofia e estratégia de educação formal — o turno único — e os Cieps, que ficaram numa concepção arquitetônica e expressão plástica à espera do conteúdo pedagógico elaborado e coerente.

A PRÁTICA mostrou, aliás, antes o conflito que a convergência entre os Cieps e o regime escolar de turno único: os grandes centros educacionais construídos revelaram-se de manutenção proibitiva e um ônus financeiro desproporcional ao atendimento escolar que renderam; em outras palavras, a construção dos Cieps redundou em obstáculo, mais do que em estímulo, à instituição do turno único.

MESMO a padronização do projeto arquitetônico, com vistas ao barateamento da construção através do uso de pré-moldados, foi um equívoco, por ignorar a variedade de

solicitações entre as diferentes comunidades, às vezes dentro de uma única cidade. Daí os Cieps novos e subaproveitados, não muito distantes de estabelecimentos escolares convencionais, sem maiores reformas nas instalações, mas sob forte pressão de demanda.

NÃO SE pode dizer, sem mais, que o regime de turno único seja o que atende melhor às necessidades da população carente, de conformidade com o alardeado mote populista: para os que menos têm, justamente, a educação mais excelente. Quem define a educação boa, ou excelente, é o usuário. E a este, nos meios carentes, interessa às vezes muito mais uma jornada escolar menor, que se concilie com a necessidade de ganhar o próprio sustento e com a iniciativa condizente com o imperativo da entrada precoce no mercado de trabalho, que uma escola de turno único, que lhe ofereça ensino, alimentação e lazer — ainda que grátis.

MUITO menos se poderá dizer que o número de turmas tenha algo a ver com as dimensões do prédio escolar. Especialmente com prédios escolares superdimensionados pela demagogia.